

Ao serviço dos enfermeiros

A Associação Portuguesa de Enfermeiros (APE) está a pouco tempo de completar meio século de existência. Um período ao longo do qual tem primado pelo contributo para a dignificação da classe, pela melhoria da qualidade da prestação de cuidados e pela colaboração com outras entidades nacionais e internacionais.



João Fernandes, presidente da APE, diz-nos que estes são objetivos que “vêm desde a criação da própria associação e que se têm mantido ao longo destes 49 anos de existência”. A sua concretização passa pela regularidade com que são promovidas diferentes iniciativas, como “as intervenções da Associação junto dos enfermeiros, reuniões que vamos fazendo e seminários e encontros de carácter científico que vamos organizando, sempre no sentido de aprimorar a qualidade do desempenho dos enfermeiros”.

A melhoria desta qualidade cruza-se sempre com a importância dada ao conhecimento, daí que haja também “uma aposta forte da Associação na investigação e na promoção dos estudos feitos pelos enfermeiros”. A esse nível, e como projeto que está já assente para os próximos tempos, a APE vai retomar o lançamento da sua revista “Enfermagem”, a qual vem sendo uma pla-

taforma relevante de publicação desses estudos.

Uma outra vertente do seu papel é a que diz respeito à história da enfermagem, como nos explica João Fernandes: “A Associação está a comemorar o cinquentenário com um conjunto de cerimónias a decor-



rer num espaço temporal alargado, assim como com a criação de um espaço museológico com muita documentação. Temos todo um espólio documental relativo à representação da enfermagem portuguesa nas organizações internacionais desde 1969, especialmente a nível do Conselho Internacional de Enfermeiros”.

Essa presença internacional da APE tem sido também uma das suas principais vocações ao longo da sua história. Questionado sobre os mais importantes factos que preencheram este meio século, João Fernandes começa por dizer que “a Associação nasce a partir de um grupo de enfermeiros que sentiu essa necessidade de que houvesse essa representação internacional”. Reuando aos seus antecedentes, conta que já em 1958 se haviam iniciado “reuniões algo clandestinas à época, em que se preparava a criação de uma associação que se preocupasse com as questões da formação contínua dos enfermeiros, da criação de um estatuto profissional para a classe e também da representação no exterior”.

Após um trabalho de dez anos, foi finalmente criada a então Associa-

ção das Enfermeiras e dos Enfermeiros Portugueses, em 11 de janeiro de 1968, que veio a ser admitida como membro do Conselho Internacional de Enfermeiros no ano seguinte, no dia 29 de junho. Durante o tempo compreendido entre estas datas e a atualidade, “a APE teve um papel muito importante, especialmente nos trinta anos que antecederam o aparecimento da Ordem dos Enfermeiros, em 1998. Nessa altura, foi sempre um parceiro do Ministério da Saúde – que tutelava o ensino da Enfermagem – no que respeitava à discussão dos assuntos relacionados com a formação dos enfermeiros ou com a criação de especialidades. Para além disso, estivemos entre as organizações que prepararam o primeiro Congresso Nacional de Enfermagem, em 1973, onde se debateram muitas das coisas que viriam a ser conquistadas quase 30 anos depois, tais como a integração da Enfermagem no Sistema Educativo Nacional ou como a própria criação de uma Ordem”.

Retomando a referência às relações internacionais que a APE tem mantido, João Fernandes considera ainda que, “se hoje a enfermagem portuguesa tem um bom crédito no estrangeiro, isso deve-se, obviamente, à própria prática e desempenho dos enfermeiros mas também ao trabalho que tem sido feito nestas reuniões internacionais”.

